



"SÃO PAULO: DANÇA URBANA, SINFONIA DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS.¹"

"SÃO PAULO: STEDELIKE DANS, SIMFONIE VAN WEERSTAND EN TRANSFORMASIE DEUR DIE EEUE."

"SÃO PAULO: DANÇA URBANA, SINFONIA DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS."

Edirlane Aparecida de Lana
UNINOVE - Universidade 9 de julho, São Paulo, SP/Brasil

Márcia Fusaro
UNINOVE - Universidade 9 de julho, São Paulo, SP/Brasil

Raquel Rolnik, arquiteta e urbanista, movimenta-se entre traços urbanos e palavras poéticas. Navegadora das metrópoles, tece ensaios que desvelam a cidade como poesia, questionando a interação entre concreto e sonhos. Seu legado é uma sinfonia de críticas e reflexões, desenhando horizontes de justiça social nas linhas do espaço urbano. Sua biografia é mais do que uma narrativa de realizações, é um convite poético a repensar nossas cidades e a reconhecer a importância intrínseca do direito à moradia em nossa busca coletiva por um mundo melhor.

No ritmo caótico das ruas, por meio da obra *São Paulo: o planejamento da desigualdade*, a autora revela São Paulo como uma cidade que emerge do caos, representando uma notável realização do desejo humano. A desigualdade, longe de acaso, é o intrincado bordado de projetos individuais, o sonho de migrantes e imigrantes entrelaçado na trama urbana.

Ao sobrevoar os séculos, a autora revela a cidade como uma partitura, onde cada nota é uma escolha, cada rua, um poema concreto. Nesse labirinto de concreto e sonhos, a cidade não é caos, mas uma sinfonia de decisões entrelaçadas, uma coreografia de sobrevivência e ascensão.

¹ Resenha de ROLNIK, Raquel. *São Paulo: o planejamento da desigualdade*, São Paulo: Fósforo, 2022.



A obra irrompe com a poesia, um convite no prefácio de Emicida, onde, com sutileza e maestria artística, penetra nas profundezas dos corações, ecoando como um grito por direitos igualitários em meio aos anseios por uma sociedade mais justa.

No prefácio perspicaz de Emicida, a prosa assume uma tonalidade crítica e poética, transcende a mera observação e adentra os recessos da realidade. Como um habilidoso alfaiate de palavras, o rapper tece pensamentos e reflexões, desvelando uma trama complexa entre a crítica social e a poesia da resistência. Sua escrita, qual bordado de resistência cultural, delineia um panorama onde a música transcende notas e rimas, transformando-se em uma arma afiada contra a injustiça e uma pincelada vibrante na tela da vida.

As fortes palavras introdutórias de Emicida, longe de serem apenas uma entrada na obra, configuram-se como uma provocação, uma oportunidade para desdobrar as camadas da sociedade e repensar o significado da arte em meio ao caos. Nesse encontro entre crítica afiada e poesia refinada, o prefácio se ergue como um manifesto, ressoando para além das páginas e ecoando as batidas de uma revolução cultural.

A sinfonia visual que emergiu na América Latina em 1859, capturada pelas lentes dos exilados franceses Jean-Victor Frond e Charles Ribeyrolles, encontrou sua expressão máxima no álbum "Brazil Pittoresco". Este, qual partitura de litografias, almejava retratar, de maneira romântica, a vastidão e diversidade do império. Todavia, por entre as imagens encantadas, revelaram-se narrativas submersas, como a supressão da presença escrava e a construção ilusória da família imperial, evocando ares de um "monarca esclarecido".

Em resposta a essa composição visual, Robert W. Slenes erigiu "Na Senzala, uma Flor" (1999), desconstruindo as ilusões de Ribeyrolles. Nesse contraponto, Slenes destaca a formação da família escrava, enraizada em tradições centro-africanas, revelando um tecido social complexo que desafia a romantização do período.

A narrativa submerge nas águas tumultuadas da experiência pessoal do autor durante a ocupação do Jardim Brasil Novo, onde casas eram erigidas e derrubadas pela especulação imobiliária.



O enredo desnuda as injustiças e lutas enfrentadas pelos moradores, que, desprovidos de destino certo, encontram na resistência uma nota de esperança. Neste cenário latino-americano, ecoam métodos cruéis de controle social do século XIX, como expulsões, remoções e endividamento forçado. O autor destaca as reverberações históricas, onde estratégias de poder, mesmo pós-revolução, persistem, ecoando nos corredores do tempo.

A análise escava as raízes da revolução de 1848 na França, ressoando com a ascensão de Luís Bonaparte III, revelando ciclos históricos que se repetem como um eco, uma tragédia transformada em farsa. Os valores democráticos, outrora renegados, ecoam nas ambiguidades contemporâneas da política brasileira.

A jornada pessoal do autor na ocupação do Jardim Brasil Novo delineia um retrato da resistência frente à indiferença urbanística, onde a falta de planejamento e condições precárias moldam uma paisagem distorcida.

Como as sinuosas ruas da experiência, onde a grandiosidade da cidade se mostra insuficiente para proporcionar abrigo digno a todos, ressoam nos corações dos leitores, desafiando-nos a refletir sobre a complexidade da condição humana e a busca incessante por um lar verdadeiramente inclusivo?

Num olhar crítico para o desenvolvimento de São Paulo paradoxos, como enchentes em meio à crise hídrica emergem, evidenciando uma cidade imponente que enfrenta contradições profundas. A reflexão culmina na necessidade de uma "língua urbanística", uma linguagem simbólica para recriar o tecido urbano e transformar o labirinto em cidade.

Entre palavras afiadas e imagens reveladoras, a sinfonia de Emerica e a narrativa histórica de Ribeyrolles e Slenes entrelaçam-se, traz uma reflexão que ressoa como uma melodia de resistência, convidando-nos a desdobrar as camadas da sociedade e recriar as notas de uma São Paulo mais inclusiva e humanizada.

São Paulo, a cidade dos horizontes infindáveis, é um cenário complexo onde passado e presente, entrelaçam-se na tessitura da geografia construída. A grandiosa avenida Paulista, testemunha de histórias que vão desde os barões do café até as manifestações políticas, reflete os contrastes da metrópole que, sob sua roupagem moderna, guarda os sussurros do passado na serra da Cantareira. Com mais de 20 milhões de habitantes, São Paulo é uma cidade-mundo, um teatro



de dualidades entre opulência e miséria, onde a política urbana molda o destino da cidade.

O livro, como um poema reflexivo, convida à contemplação do futuro incerto dessa megacidade, desvendando os pergaminhos do passado para compreender a cidade poética que se ergue no presente.

A cidade de São Paulo, emergindo em 1554 como a vila de Piratininga, presenciou uma metamorfose única que a conduziu de aldeia indígena a uma metrópole pulsante. O cultivo do café no século 19 marcou a transição de uma São Paulo bandeirante para uma São Paulo cafeeira, conectando regiões produtoras aos portos e consolidando-a como um polo comercial vital. A modernização trouxe consigo segregação social e uma elite política que moldou a cidade de acordo com seus interesses.

A Avenida Paulista, inaugurada em 1891, personificava o desenvolvimento, enquanto bairros aristocráticos contrastavam com áreas destinadas à habitação popular.

Nos vibrantes anos 1920, as limitações do paradigma privatista se delinearam, refletindo os anseios de uma população de 600 mil almas em busca de uma revisão profunda das políticas urbanas. A cidade, imersa nas inundações sazonais, estava à beira de uma explosão iminente, um alerta claro e premente que indicava a urgência de transformações necessárias.

Este capítulo efervescente da história é um palco repleto de efemérides e metamorfoses, onde o cenário pulsante da cultura e da economia foi intensamente influenciado pelo domínio da cultura cafeeira. Nesse período, São Paulo transcendeu a marca de 1 milhão de habitantes, integrando-se aos circuitos culturais globais e alinhando-se ao movimento modernista. Entretanto, o colapso das linhas de comércio internacional durante a Primeira Guerra Mundial, embora tenha impulsionado o crescimento industrial, trouxe consigo as sombras da inflação e da escassez, evidenciando as complexidades intrínsecas a esse momento de transição na história da cidade.

Em continuidade às páginas anteriores desta narrativa intrincada, a cidade de São Paulo emerge como um microcosmo de transformações e desafios na interseção de eventos marcantes. Na esteira desse contexto, testemunhamos não apenas o surgimento de um movimento sindical influenciado pelo anarquismo,



greves gerais e a assombração da epidemia de gripe espanhola, mas também o crescente descontentamento que permeia os corredores urbanos.

A transição para um governo intervencionista na conjuntura de 1926-1930 trouxe mudanças no urbanismo, com grandes obras viárias e a implementação do Plano de Avenidas. A década de 1930 consolidou a autoconstrução nas periferias e inaugurou a "era da cidadania consentida", onde a irregularidade dependia da intermediação do Estado.

Sob as bênçãos da intermediação estatal, a irregularidade traçava seu próprio caminho, moldando um mosaico social em que a cidade pulsava ao ritmo de suas contradições, uma harmonia de complexidades urbanas que ressoam nas páginas dessa crônica.

No palco tumultuado da metrópole paulistana, ao longo das décadas, desdobram-se as páginas de uma transformação fascinante. Desde os anos 1940, marcados pela verticalização e centralidade na região centro-sudoeste, até os desafios ambientais contemporâneos, São Paulo emerge como uma urbe multifacetada e complexa.

Na primeira metade do século XX, a verticalização no centro reconfigura a dinâmica urbana, impulsionada pelo surgimento do transporte sobre pneus. As décadas seguintes, marcadas pelo surto de desenvolvimento rodoviário, consolidam São Paulo como epicentro industrial e financeiro. O rápido crescimento horizontal traz desafios ambientais como enchentes e poluição atmosférica, culminando na aprovação do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado em 1972.

A criação da Região Metropolitana de São Paulo, em 1973, reflete a integração com municípios vizinhos, sinalizando a necessidade de uma abordagem integrada. Nas décadas posteriores, a globalização traz consigo complexos corporativos, mas também a explosão de favelas e condomínios fechados, intensificando a fragmentação socioterritorial.

A pandemia eletrônica revela disparidades sociais, destacando a multiplicidade da experiência urbana.

Explorando resistências e ativismos, o texto analisa profundamente a complexidade da realidade urbana em São Paulo.



A eleição de vereadoras comprometidas destaca a importância das vozes da sociedade civil.

No século XXI, a dinâmica urbana reflete a interseção de fatores que moldam a vida dos habitantes, desde a luta por moradia até tensões raciais e sociais. A cidade de São Paulo, com quase 500 anos, enfrenta desafios complexos, evidenciando a necessidade de repensar o desenvolvimento urbano para construir uma cidade mais inclusiva, sustentável e resistente.

A jornada de São Paulo desde a aldeia de Piratininga até a crise dos anos 1920 desvenda uma narrativa rica em transformações socioeconômicas e urbanísticas. A cidade, moldada por contrastes e dualidades, desafia seu próprio passado enquanto enfrenta um futuro incerto.

A reflexão sobre as escolhas políticas e as lições do passado insurge como um convite para moldar, uma São Paulo mais equitativa e resiliente.

O livro, como um canto manifesto, instiga os cidadãos a desbravarem novos horizontes utópicos e a contribuir para a próxima estrofe da história da cidade.

São Paulo, cidade poética e complexa, continua dançando ao ritmo de seus quilômetros de ruas fervilhantes, desvendando os segredos entrelaçados em sua história e olhando para um horizonte de possibilidades!

Ao contemplarmos a trajetória de Raquel Rolnik em suas inúmeras obras, bem como essa obra em estudo, somos instigados não apenas a compreender as complexidades urbanas, mas também a nos engajarmos ativamente na busca por uma cidade mais inclusiva, sustentável e, acima de tudo, humana.

Recebido em submissão direta: 16 de agosto de 2024.

Editor responsável: Júlia Maria Hummes

Edirlane Aparecida de Lana**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0008-8129-7526>**E-mail:** edlainelana@gmail.com**Márcia Fusaro**

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) com Pós-Doutorado em Artes (UNESP)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1246-9282>**E-mail:** profmarciafusaro@gmail.com



Qualis A1

Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 63, N. 63 (2025)
ISSN 2319-0868



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgal 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte>. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em <https://seer.fundarte.rs.gov.br/>


REVISTA
DA
FUNDARTE

DE LANA, Edirlane Aparecida; FUSARO, Márcia. SÃO PAULO: DANÇA URBANA, SINFONIA DE RESISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO AO LONGO DOS SÉCULOS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 63, N. 63, p. 1-7, Março, 2025.
Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br>